



DEPOIS DO DIVÓRCIO





GRAZIA DELEDDA

~ PRÉMIO NOBEL ~

DEPOIS DO DIVÓRCIO



TRADUÇÃO DE
MARIA CARLOS LOUREIRO



Sibila
PUBLICAÇÕES

LISBOA 2018

Depois do Divórcio

Título original: *Dopo il Divorzio*

Autora: Grazia Deledda

Tradução: © 2018 Maria Carlos Loureiro

Edição original: Roux e Viarengo

Turim, 1902

Sibila Publicações

www.sibila.pt

www.facebook.com/sibilapublic

www.twitter.com/sibilapublic

Este livro pertence à Colecção Mulheres de Palavra®

© 2018 Sibila Publicações

Editores: Inês Pedrosa, Gilson Lopes

Design, paginação e produção: Above Below Comunicação Unip. Lda.

Revisão: Dulce Reis

Imagem de capa: Oskar Kokoschka, *Noiva do Vento*, óleo sobre tela, 1914, Basileia, Kunstmuseum

Fotografia pp. 2 e 3: *Nuoro, um casamento*. 1900. Autor: Pirari Piero. Fundo Pirari

© 2018 Regione Autonoma della Sardegna

Fotografia da autora: Comité Nobel

ISBN: 978-989-99946-4-5

Sibila Publicações é uma chancela editorial de:

Nas Tuas Mãos Unip. Lda.

Apartado 014081

EC Cinco de Outubro

1064-000 Lisboa

E-mail: admin@inespedrosa.com

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita dos editores. Respeite o direito de autor. Diga não à cópia.

ÍNDICE

Primeira Parte.....	11
I	13
II	27
III	39
IV	49
V	57
VI	63
VII	79
VIII	95
Segunda Parte.....	119
IX	121
X	133
XI	145
XII	157
XIII	173
XIV	185
XV	195
XVI	205
XVII	215
Notas	225
Nota Editorial	227

A autora Nota biográfica	231
A tradutora Nota biográfica	237

E depois de o flagelarem, matá-lo-ão...
Eles, porém, nada disto entenderam.

LUCAS, XVIII, 34.

PRIMEIRA PARTE



I



1904. EM CASA DOS PORRU, no «quarto dos estranhos»¹, encontrava-se uma mulher a chorar. Sentada ao lado da cama, com os braços a envolver os joelhos flectidos e o rosto apoiado nos braços, soluçava, abanando a cabeça como se quisesse dizer que não havia esperança, qualquer esperança. As costas arqueadas, o tronco bem constituído coberto com o tecido amarelo do corpete justo subiam e desciam, como uma onda.

À sua volta estava quase escuro: o quarto não tinha janelas; a porta aberta sobre a tijoleira mostrava um céu cinzento que se tornava cada vez mais negro. Nesse céu, brilhava uma pequena estrela amarela, tão longínqua; e do pátio chegava o som do cricrilar dos grilos e o ruído dos cascos de um cavalo que, de vez em quando, batiam na pedra.

Uma mulher baixa e forte, de rosto envelhecido e vestida com o traje típico de Nuoro², apareceu à porta do quarto, trazendo na mão uma candeia de ferro onde ardia um pavio embebido em azeite.

¹ Assim era chamado em Nuoro o quarto que todas as famílias antigas conservavam para albergar os hóspedes das localidades vizinhas. (*Nota da Edição italiana*)

² Localidade na Sardenha, onde as mulheres se vestem de negro. (*N. da E.i.*)

– Giovanna Era – disse com voz forte e rude –, o que fazes aí na escuridão? Estás aí? O que é que se passa? Estás a chorar! És louca, és mesmo louca!

A outra começou a soluçar convulsivamente.

– Ah! – disse a mulher, aproximando-se como que admirada e escandalizada ao mesmo tempo. – Eu bem disse que choravas! Mas porque é que estás a chorar? A tua mãe está à tua espera lá em baixo, e tu para aqui a chorar como uma maluca.

A outra continuou a chorar com mais força ainda. A mulher, que era bastante gorda, prendeu a candeia num grande prego na parede, olhou em redor e começou a andar à roda da pobrezinha que chorava, procurando, em vão, palavras que a acalmassem. Mas a única coisa que conseguia dizer, era:

«Mas és louca, Giovanna, és louca!»

O «quarto dos estranhos» era vasto, branco e austero, com uma grande cama de madeira, uma mesinha coberta com um tecido de algodão e decorada com chávenas e copos de vidro; pequenos quadros enchiam as paredes até ao tecto de madeira. Das traves do tecto pendiam cachos de passas de uva e peras amarelas que libertavam uma fragrância delicada. Sacos de lã, cheios e rectos, estavam aqui e ali pelo chão.

A mulher, que era a dona da casa, segurou num dos sacos e levou-o para junto dela, depois voltou a colocá-lo onde o tinha tirado.

– Vá, pára lá com isso – disse, suspirando devido ao esforço –, o que queres que se faça? Não entres em desespero; que diabo, minha jóia; se o Ministério Público pediu trabalhos forçados, tal não significa que os jurados sejam uns cães raivosos como ele...

A outra continuava a chorar e a abanar a cabeça, e entre os soluços gritava:

– Não... Não... Não...

– Sim! Sim! Digo-te que tem de ser sim! Levanta-te ou chamo a tua mãe – gritou a mulher, abeirando-se dela. E levantou-lhe a cabeça à força.

Surgiu então um rosto bonito, redondo e corado, de forte cabeleira escura e desgrenhada, com dois olhos negros, inchados e brilhantes pelo choro, e duas sobrancelhas escuras, densas e emaranhadas.

– Não! Não! – gritava Giovanna, debatendo-se.
– Deixe-me chorar a minha sorte, tia Porredda³.

– Sorte ou não sorte! Levanta-te.

– Não me levanto! Não me levanto! Vão condená-lo a trinta anos, pelo menos. Não percebe que o condenarão a trinta anos?

– Isso é que está para se ver. E afinal, o que é que são trinta anos? Pareces um gato selvagem, sabes?

A outra berrava, arreplava os cabelos, colhida de um acesso de desespero. E gritava:

– Trinta anos! O que é que são trinta anos? A vida de um homem, tia Porredda! Não percebe nada, tia Porredda. Vá-se embora. Vá-se embora. Deixe-me sozinha, pelo amor de Deus, vá-se embora...

– Isso é que não vou! – protestou a tia⁴ Porredda – era o que faltava! Estou em minha casa! Levanta-te, filha do diabo, pára com isso, que te faz mal. Espera até amanhã antes de arreplares os cabelos, porque o teu marido ainda não está condenado.

Giovanna baixou a cabeça e continuou a chorar, com um choro calmo e doloroso que partia o coração.

– O meu Costantino, o meu Costantino – dizia em tom de embalo, como uma carpideira a chorar um morto –, tu estás morto para mim, nunca mais te volto a ter, nunca mais. Aqueles cães raivosos apanharam-te e prenderam-te, não te deixaram ir embora. A nossa casa vai ficar deserta, e a cama ficará fria, e a família vai dissolver-se. Meu querido, meu anjo, estás morto para o mundo, assim morram também os que te prenderam!

³ Porredda, feminino e diminutivo de Porru. (*N. da E.i.*)

⁴ Na Sardenha, o uso de tia e tio é uma forma de cortesia. Mantivemos, assim, esta forma de tratamento. (*N. da E.i.*)

Perante a dor de Giovanna, a tia Porredda comoveu-se; mas sem saber o que fazer mais, saiu para o pátio e chamou:

– Bachisia Era, vem cá acima, que a tua filha está a enlouquecer!

Ouviram-se passos nas escadas exteriores; a tia Porredda voltou para dentro, e atrás dela surgiu uma mulher alta, austera, vestida de preto, com a cabeça embrulhada num lenço escuro, de onde saía um rosto amarelecido de ave de rapina, com dois pontos verdes brilhantes no lugar dos olhos, afundados por baixo das sobrancelhas revoltas e das olheiras.

Só a sua presença pareceu acalmar a filha.

– Levanta-te! – disse com voz rouca.

Giovanna levantou-se: era alta, de ancas bem constituídas. A saia rodada forrada a *orbace*⁵ com uma faixa púrpura ao redor dos quadris revestida de pano verde, curtíssima, deixava ver os pés pequenos calçados com botas de elástico e o início de duas pernas torneadas.

– Porque é que aborreces esta boa gente? – perguntou a mãe. – Pára com isso, vai lá abaixo jantar e não assustes as raparigas, não perturbes a alegria desta boa gente.

A alegria daquela boa gente devia-se ao regresso do filho que estudava Direito e que chegara naquela tarde para passar férias.

Giovanna pareceu compreender e sossegou: tirou da cabeça o lenço de lã, pondo a descoberto uma touca de brocado antigo donde saía uma cabeleira ondulada e escura, e foi lavar a cara na água de uma bacia colocada em cima de uma cadeira. A tia Porredda olhou para Bachisia, pôs o indicador esticado sobre os lábios, como que a indicar silêncio, e saiu do quarto sem fazer barulho.

A amiga obedeceu; não disse nada, à espera que Giovanna se lavasse e se recompusesse, e depois desceram si-

⁵ *Orbace*: tecido típico da Sardenha, de lã, trabalhado à mão, áspero e brilhante, geralmente em preto. O seu processo de fabrico remonta a tempos muito antigos, provavelmente este tecido foi utilizado no vestiário dos soldados da Roma antiga. (*Nota dos Editores*)

lenciosamente as escadas exteriores. Já estava de noite, uma noite calma, quente e profunda: depois da primeira estrela amarela, tinham-se seguido milhares de astros prateados: a Via Láctea passava como um grande véu cintilante, e sentia-se no ar um perfume agreste a palha seca.

No pátio, os grilos cantavam, escondidos nas latadas, e o cavalo ruminava, batendo com os cascos. De longe, chegava um canto melancólico.

As portas da cozinha e de uma sala no piso térreo que na altura servia de sala de jantar, davam para o pátio e encontravam-se abertas. Na cozinha, junto à lareira acesa, estava a tia Porredda ocupada a temperar a massa; e uma criança vestida de preto, loira, despenteada e descalça, discutia com um rapazinho vestido de fato completo, gordo e ruivo como a avó.

A menina rogava pragas, evocando todos os demónios; o rapaz tentava beliscar-lhe as pernas.

– Parem com isso – dizia a tia Porredda. – Ah, ah, parem imediatamente, seus mauzões.

– *Mamma* Porru, esta miúda está a rogar-me pragas. Disse-me: ao diabo que te carregue.

– Ah, ah, Minnìa, vais parar ao Inferno não tarda nada – respondeu a avó, sem se virar, mexendo o macarrão.

– Ele está a dar-me beliscões, *mamma* Porru, ai, ai, está a beliscar-me!... Que sejas esfolado vivo, seu nojento. Se te apanho dou-te tantos bofetões como os cabelos que tens na cabeça.

– Minnìa, mas que linguagem é essa?...

– Ele roubou-me o porta-moedas, aquele que tem o Papa, dado pelo tio Paolo...

– Não é verdade! Não me faças falar, Minnìa – gritou o miúdo, ameaçador –, e quanto a roubar...

A criança calou-se como por magia; mas logo depois, o rapaz segurou numa bengala e, com o cabo curvo, começou a puxar-lhe a perna. Minnìa começou a chorar; a avó levantou-se com a colher no ar.

– Vão levar com a colher, seus malandros. Esperem lá,

esperem lá. – E foi atrás deles, mas eles fugiram para o pátio, esbarrando com Giovanna e a mãe.

– O que é que aconteceu?...

– Ah, fazem-me perder a paciência, estes diabinhos! – disse a tia Porredda da porta da cozinha.

Nesse momento, uma figura vestida de preto apareceu na porta entreaberta e disse em voz baixa:

– Já voltaram, avó, aqui estão eles outra vez.

– Deixa-os vir. Fazias bem, Grazia, se desses mais atenção aos teus irmãos, que estão sempre a discutir um com o outro.

Grazia não respondeu, mas pouco depois tirou o candelabro de ferro da mão da tia Bachisia, apagou-o e foi escondê-lo atrás do banco da cozinha, dizendo em voz baixa:

– Devias ter vergonha destas candeias, avó, agora que está cá o tio Paolo.

– Mas qual tio Paolo; pensas que ele foi criado num berço de ouro?

– Ele chegou de Roma...

– Um corno! Em Roma não há candeias como estas, porque podem comprar azeite facilmente, enquanto nós temos deste tipo de petróleo.

– Que bom para si se pensa dessa maneira – disse a rapariga, e correu para o pátio ao ouvir as vozes do avô e do tio.

– Olá, Giovanna, e a tia Bachisia, como está? – disse a voz quente do estudante. – Eu estou bem, graças a Deus! Oh, sinto muito quanto ao vosso caso: coragem. É amanhã o julgamento?

Entrou na sala onde estava a mesa posta, seguido pelas mulheres e pelas crianças, a quem a sua presença simultaneamente divertia e impunha respeito.

Era baixo e coxeava um pouco, porque tinha um pé mais pequeno do que o outro e uma das pernas mais curta. Era por isso que lhe chamavam Doutor Pededdu⁶, e ele não levava a mal, porque, dizia, valia mais ter um pé mais pequeno do que

⁶ Pezinho. (*N. da E. i.*)

o outro, do que ter a cabeça menor do que a das outras pessoas.

O seu rosto pequeno e redondo, de bigode alourado, sorria por baixo de um grande chapéu preto. Dizia-se socialista.

Quando entrou na sala sentou-se na beira da cama, de pernas a balançar, e sentou de cada lado o sobrinho e a sobrinha, que o olhavam boquiabertos, desatentos, enquanto ele ouvia o discurso da tia Bachisia. Mas de vez em quando observava Grazia, cuja figura de adolescente, alta e magra, estava enfiada num vestido escuro demasiado apertado. Os olhos dela, claros e brilhantes, fixavam o tio de modo embevecido.

– Olhem – dizia a tia Bachisia com a sua voz rouca –, o que aconteceu foi isto: Costantino Ledda tinha um tio, irmão do pai; chamava-se Basilio Ledda, mais conhecido por Abutre (Deus o tenha em sua glória, se não estiver no inferno), tal era a sua avidez por dinheiro. Era um triste, um verdadeiro abutre, que Deus o tenha perdoado: basta dizer que parece ter deixado a mulher morrer à fome. E Costantino ficou sob a sua guarda; tinha qualquer coisa, o menino; o tio fez-lhe de tudo, batia-lhe, amarrava-o entre duas pedras, em pleno campo, e deixava-o ao sol e à mercê das abelhas, que o picavam até nos olhos.

Mas chegou um dia em que Costantino fugiu de casa; tinha dezasseis anos. Durante três anos trabalhou nas minas, não posso afiançá-lo, ele é que o diz.

– Sim, sim! Esteve a trabalhar nas minas! – chorava Giovanna.

– Não sei! – disse a mãe, torcendo a boca em jeito de dúvida. – Na verdade, durante a ausência de Costantino, Basilio, o abutre, foi atingido por um tiro de espingarda quando se encontrava nos campos. É verdade que tinha inimigos. Quando Costantino regressou, confessou ter partido para fugir à tentação de matar o tio, que odiava; no entanto, o jovem tinha procurado fazer as pazes com o abutre... Estás a ouvir, Paolo Porru...

– Doutor Porru! Doutor Pededdu! – gritou o sobrinho dele, corrigindo-a. Ela olhou para ele, furiosa, e fez menção

de lhe dar uma bofetada, uma pequena bofetada; Giovanna começou a rir.

Ao ver rir a hóspede amargurada, que tinha o marido na prisão e que talvez por isso surgia com uma auréola romântica mas trágica, a magra e pálida Grazia desatou a rir nervosamente; também Minnìa se riu, bem como o rapazinho e o estudante. A tia Bachisia olhou à sua volta de olhos arregalados. Mas porque é que se riam? Eram malucos? Levantou a mão amarelecida e magra, mas enquanto pensava a quem dar um estalo – se à sua filha ou ao miúdo –, chegou a tia Porredda com a massa fumegante.

Atrás dela vinha o tio Efes Maria Porru, homem gordo, imponente, de peito apertado no colete de veludo azul. Era um agricultor com ares de homem letrado: tinha uma cara acinzentada que parecia uma máscara de mármore velho, com a barba curta e encaracolada, os lábios grossos e entreabertos, e olhos grandes e claros.

– Depressa, depressa, venham comer! – disse a tia Porredda, colocando o tacho no meio da mesa. – Ah, estão a rir-se? O pequeno doutor faz-vos rir?

– Estava quase a dar uma bofetada ao seu neto – disse a tia Bachisia.

– Porquê, minha querida? Venham mas é para a mesa. A Giovanna aqui. Doutor Porreddu, sente-se acolá.

O estudante atirou-se para trás na cama, esticou os braços, levantou as pernas para o ar, baixou-as outra vez, levantou-se, ficou de pé, bocejando.

As raparigas, o rapaz e Giovanna desataram outra vez a rir. Ele disse então:

– Um pouco de ginástica faz bem. Oh meu Deus, como é que vou dormir esta noite! Tenho os ossos todos distendidos. Como estás crescida, Grazietta, parece que subiste a um poleiro.

A rapariga corou e baixou os olhos; a tia Bachisia inclinou a cabeça, escandalizada porque o estudante pensava em tudo menos na história que lhe estava a contar, e também porque os outros faziam pouco caso da desgraça de Costanti-

no. Até Giovanna parecia absorta, e só quando a tia Porredda lhe pôs à frente uma bela porção de massa envolvida num aromático molho rosado é que a jovem voltou a si e se recusou a comer.

– Eu tinha-vos avisado! – exclamou a tia Porredda, arrebatada. – Ela está doida, completamente doida! Porque é que não come agora? O que é que a comida tem que ver com a sentença de amanhã?

– Vá lá – disse a tia Bachisia, não sem um pouco de amargura –, não sejas disparatada; não estragues a alegria desta boa gente.

E o tio Efes Maria colocou o guardanapo debaixo do queixo, e lançou uma sentença literária.

– Coração forte contra a sorte, disse Dante Alighieri. Vá lá, Giovanna Era, mostra que és uma flor da montanha, mais forte do que as pedras. O tempo tudo resolverá.

Giovanna começou a comer, mas os soluços impediam-na de engolir a comida.

Paolo estava calado, debruçado sobre o prato: e este estava já vazio quando Giovanna conseguiu engolir o primeiro macarrão.

– És um furacão, meu filho – disse a tia Porredda. – Mas que fome de cão tu tens! Queres mais? Sim; mais ainda? Sim?

– Oh, bravo! – disse o tio Efes –, parece que na Cidade Eterna não havia nada para tu comeres.

– Eh, foi o que eu disse – afirmou a tia Porredda –, lugares bonitos, se quiserem, mas lá tudo se compra com dinheiro contado. Já ouvi dizer, na verdade: nas casas não há alimentos como na nossa, e quando numa casa faltam mantimentos, sabeis como se sofre...

A tia Bachisia concordou, porque além disso ela sabia o que era uma casa sem comida.

– É verdade ou não, doutor Porreddu?

– É verdade – dizia ele, comendo e rindo, e agitando as mãos largas e brancas, de unhas compridíssimas.

– É por isso que se tornou uma sanguessuga, um vampiro! – observou o tio Efes Maria, dirigindo-se aos convidados. – Não me deixa um pinga de sangue nas veias. Com os demónios, come-se dinheiro em Roma!

– Ah, se soubessem – suspirou Paolo –, é tudo, tudo tão caro! Um peixe, vinte cêntimos. Ah, agora estou bem!

– Vinte cêntimos! – disseram todos em unísono.

– Então, tia Bachisia, e depois? Quando Costantino regressou?... – perguntou Paolo.

– Então, Paolo Porru... ah, continuo a tratar-te por tu, apesar de daqui a pouco seres doutor, porque quando eras rapazinho dei-te algumas palmadas...

– Não me lembro; continue – disse o jovem, enquanto as narinas de Grazia tremiam de raiva.

– Então, disse-te que o Costantino desapareceu três anos e que...

– Ele estava nas minas; muito bem, depois voltou e fez as pazes com o tio.

– Foi então que viu a minha Giovanna, esta rapariga, e apaixonaram-se: o tio não queria, porque a rapariga era pobre. Voltaram a odiar-se; Costantino trabalhava para o abutre, e ele não lhe dava nem um cêntimo. Então, Costantino veio ter comigo e disse-me: «Eu sou pobre, não tenho dinheiro para comprar um anel e para pagar a boda pela igreja, e vós também sois pobres: façamos assim, casamo-nos só pelo civil, para já; trabalharemos ambos, juntaremos a quantia necessária para o banquete e casaremos então perante Deus. Se muitos o fazem assim, então fá-lo-emos também nós. Faz-se o casamento civil às escondidas e vivemos juntos.»

O avaro ficou zangado; vinha para o nosso caminho gritar e provocava Costantino por tudo e por nada. E nós trabalhávamos... Depois da colheita, no ano passado, enquanto preparávamos os doces para a boda, Basilio Ledda foi encontrado morto em sua casa. Na noite anterior, Costantino fora visto a entrar em casa dele: tinha ido anunciar-

-lhe o casamento e fazer as pazes. Ah, pobre rapaz! Não quis fugir como eu o aconselhei. E foi preso.

– Porque estava inocente, minha... mãe...

– Lá começa esta tonta a chorar. Se não te calas, não digo mais nada. Então, Costantino foi preso, e agora faz-se o julgamento: o Ministério Público pediu trabalhos forçados. Mas é um cão, aquele Ministério Público! Bem sei que há provas, é verdade, viram Costantino entrar de noite em casa do tio, que vivia sozinho como uma ave selvagem que era; recordaram o passado deles: tudo isto é verdade, mas não existem provas. Costantino mostrou-se cheio de contradições e de remorsos: e disse sempre estas palavras «é o pecado mortal». Porque, como bom cristão que era, achava que tinha sido abandonado pela sorte porque vivia com Giovanna antes de estarem casados religiosamente.

– Mas diga-me uma coisa...

– Espera. Falta acrescentar que se casaram religiosamente, sim. Na prisão, sim, na prisão, que coisa horrível. Não comeces a chorar, Giovanna, ou atiro-te com o saleiro à cabeça. É mesmo parva! Toda a gente lhe dizia: não, não te cases com ele; se ele for culpado e acabar por ser condenado, poderás casar com outro...

– Ah, como são maus!... – gritou a jovem, de olhos lampejantes; mas o olhar acutilante da mãe fixou-se no seu, e ela calou-se novamente.

– E fui eu que to disse? – perguntou a tia Bachisia. – Não, eram os outros que to diziam, e se o faziam, era para teu bem.

– O meu amor, o meu amor – lamentou-se Giovanna, escondendo o rosto entre as mãos. – O meu amor acabou, acabou, acabou.

– Tem filhos? – perguntou-lhe Paolo.

– Sim, um. E que problema. Se Costantino for condenado, com a criança... que problema, que problema! – E enfiou os dedos nos cabelos, por cima da testa, e abanava a cabeça como uma louca.

– Vais-te matar, minha querida? – perguntou a mãe com ironia. O estudante julgou ver alguma coisa de falso nos gestos de Giovanna: lembrou-se de uma famosa atriz, numa comédia francesa, e saíram-lhe da boca palavras duras, mesmo perante a dor da jovem mulher.

– Então – disse ele –, a lei do divórcio está agora aprovada: qualquer mulher que tenha um marido condenado pode voltar a ser livre.

Giovanna pareceu não compreender aquelas palavras, pois continuou a abanar a cabeça entre as mãos; a tia Porredda disse convictamente:

– Sim, um corno! Nem Deus pode desfazer um casamento!

O tio Efes Maria observou, um pouco trocista:

– Pois já se pode! Li no jornal. O divórcio, ora bem! Fazem-no no continente, onde os homens e as mulheres se casam muitas vezes, sem necessidade de padre ou de alcaides; mas aqui, pá!...

– Não, avô Porru, não é no continente, é na Turquia – observou Grazia.

– Aqui também, aqui também! – disse a tia Bachisia, que percebera tudo.

Depois do jantar, as Era saíram para ir ao advogado.

– Onde é que elas vão dormir? – perguntou Paolo.
– No *quarto dos estranhos*?

– Claro. Porquê?

– Porque na verdade queria ficar eu lá em cima: aqui sufoca-se. Há algum «estranho» melhor do que eu?

– Tem paciência até amanhã, filhinho. São hóspedes pobres...

– Meu Deus, que costumes tão antiquados. Quando é que irão acabar com isto? – disse ele, irritado.

– Também faço a mesma pergunta – disse o tio Efes Maria, que começara a ler o jornal. – Fazem-me perder a paciência, aquelas mulheres. Enfim, o que é que pensas do teu novo Ministério?

– Não penso nada de nada – respondeu a rir, porque recordava uma personagem da *Dame chez Maxim*⁷, que vira no teatro Manzoni, do qual era um *habitué*.

E foi ver os livros que estavam dispostos numa prateleira ao fundo da sala. Minnìa e o irmão tinham saído para o pátio; Grazia, sentada à mesa com a cabeça apoiada nas mãos, continuava a olhar para o tio. Ele virou-se para ela:

– Tu lês romances, não é verdade?

– Eu não – disse ela, corando.

– Olha que se te encontro a ler certos livros, atiro-tos à cabeça...

Os lábios dela tremeram: para esconder o choro, levantou-se e saiu da sala, e ouviu novamente os irmãos que discutiam a propósito do porta-moedas com o Papa.

– Quanto a roubar – dizia o miúdo –, está calada, porque tu e aquela ali, aquele poleiro, hoje venderam vinho e ficaram com o dinheiro...

– Ah, mentiroso! – disse Grazia dirigindo-se a ele, batendo-lhe enquanto chorava amargamente.

À volta deles, os grilos cantavam; o cavalo ruminava, batendo com os cascos no chão, as estrelas pareciam cair sobre o pátio quente e com cheiro a feno seco.

– Ela é uma pobre órfã, não a maltrates – dizia a tia Porredda ao filho, defendendo Grazia (os três eram filhos do filho mais velho dos Porru, um pastor rico, e de uma jovem que tinha morrido há um ano) – e se ela quer ler, deixa-a ler.

– Sim, deixa-a ler! – afirmou solenemente o tio Efes Maria. – Ah, porque é que não me deixaram ler quando eu era novo? Teria sido astrónomo, tão instruído como um padre.

Astrónomo, para o tio Efes Maria, significava um homem cultíssimo, cheio de sabedoria, uma espécie de filósofo.

⁷ *La Dame de chez Maxim*, comédia teatral de Georges Feydeau, estreada em Paris em 1899. Após uma noite agradável com amigos, um cavalheiro respeitável vê-se subitamente envolvido com uma dançarina do Moulin Rouge. (*N. dos E.*)

– Já viste o Papa, meu filho? – perguntou a tia Porredda, por associação de ideias.

– Não.

– O quê, tu nunca viste o Papa?

– O que é que imagina? O Papa está dentro de uma caixa, e para o vermos, tem de se pagar muito dinheiro.

– Oh! – disse ela –, tu és um descrente.

E saiu para o pátio, onde os netos se batiam: saltou para o meio e empurrou um deles para o lado, gritando:

– Vocês parecem uns galarós. Que grandes galarós, Deus vos guarde. Que miúdos maus! São mesmo maus.

As crianças soluçavam por entre o cantar dos grilos, naquela noite serena.

II



NA MANHÃ SEGUINTE, GIOVANNA foi a primeira a acordar: pelo vidro da porta entrava uma luz rosada, e no silêncio matinal ouvia-se o esvoaçar das andorinhas.

Quando acordou, sentiu-se bem durante uns momentos, mas logo uma tempestade pareceu abater-se sobre ela. Lembrou-se.

Era naquele dia que o destino do marido ia ser decidido. Estava segura da condenação de Costantino, mas forçava-se a aguardar pela sentença.

Se ele era ou não culpado, na verdade não pensava no assunto, e talvez nunca se tivesse preocupado com o facto: só a consequência dele, a separação daquele jovem esbelto e atlético como um galgo, de mãos lisas e lábios ardentes, a martirizava. E nessa recordação sentiu tanta angústia, que desceu inconscientemente da cama e começou a vestir-se, dizendo com voz ansiosa:

– É tarde, é tarde, é tarde...

A tia Bachisia abriu os seus pequenos olhos de piri-lampo e levantou-se também; sabia o que iria acontecer nesse dia, e no dia seguinte e um ano e dois e dez anos depois, sabia-o demasiado bem para ficar agitada. Vestiu-se, mergulhou

as mãos na água e passou-as no rosto apenas uma vez; depois enxugou-se e pôs o lenço na cabeça com muito cuidado.

– É tarde – repetia Giovanna. – Meu Deus, é tarde...

Mas a calma da mãe acabou por a tranquilizar. A tia Bachisia desceu para a cozinha e Giovanna seguiu-a; a tia Bachisia preparou café com leite e pão para Costantino (já que era permitido às duas mulheres dar de comer ao acusado), meteu tudo num cesto e dirigiu-se à prisão: Giovanna seguiu-a.

As estradas estavam desertas; o sol, reflectido suavemente no granito do monte Orthobene⁸, enchia o ar de partículas de ouro rosado; o céu estava tão azul e os pássaros tão felizes, o ar tão calmo e fragrante, que parecia uma manhã de festa, sem ter ainda a animação das pessoas e o repicar dos sinos. Giovanna, percorrendo a estrada que ia da estação (próximo da casa dos Porru) até à prisão, contemplava os violáceos montes distantes, dispostos como uma enorme coroa de ametistas a envolver os grandes vales bravios; respirava aquele ar de perfumes silvestres, pensando na sua pequena casa de xisto, no seu bebé, na felicidade perdida; e sentia-se morrer.

A mãe caminhava à frente, com o cesto à cabeça. Chegaram ao edifício redondo, branco e desolador da prisão: no silêncio e naquela luz matinal, o guarda imóvel e silencioso parecia uma estátua: um arbusto verde rompia encostado ao muro da prisão, acrescentando tristeza àquele lugar. O portão esverdeado, que às vezes parecia a boca de uma esfinge, abriu-se para engolir as duas mulheres. Todos lá dentro, naquele antro horrível, conheciam as duas desgraçadas: desde o carcereiro-mor, ruivo e imponente, que parecia um general, até ao último guarda, pálido e de bigodes louros hirsutos que pretendia parecer elegante.

No átrio escuro e fétido sentia-se já todo o horror do interior: as duas mulheres não foram mais longe; mas o guarda pálido e elegante veio buscar o cesto, e Giovanna perguntou-lhe em voz baixa se Costantino tinha dormido.

⁸ Montanha de granito que se eleva a leste da cidade de Nuoro. (*N. da E. i.*)

– Sim, dormiu, mas sonhava, sonhava. Dizia: o pecado mortal.

– Ah, qual pecado mortal, ele que vá para o diabo!... – disse a tia Bachisia. – Devia morrer!

– Minha mãe, porque é que dizes isso? Já não lhe basta a sua triste sorte? – murmurou Giovanna.

Já cá fora, as duas mulheres esperaram pela saída do acusado. Quando Giovanna viu os guardas que o deviam acompanhar ao tribunal, começou a tremer convulsivamente, apesar de nos dias anteriores ter visto o marido sair no meio deles. Os olhos abriram-se-lhe ainda mais, fixando o portão com um olhar enlouquecido. Passaram-se minutos de espera dolorosa: a porta abriu-se outra vez, e entre os guardas de rosto cinzento como granito surgiu a figura de Costantino. Era alto e ágil como um pequeno choupo: duas madeixas de cabelo negro, brilhante e comprido, envolviam-lhe o rosto imberbe, de uma beleza feminina, pálido devido à prisão; tinha dois grandes olhos castanhos e uma boca pequena de criança inocente. E uma covinha no queixo: parecia um jovem Apolo.

Mal viu Giovanna, apesar de esperar por aquele momento, ficou ainda mais pálido e parou, resistindo aos guardas. Giovanna precipitou-se para ele e, soluçando, apertou-lhe a mão algemada.

– Sai daqui – disse um dos guardas, com voz doce –, sabes que não é permitido, mulher.

Mas até a tia Bachisia se tinha aproximado, olhando para o grupo com os seus pequenos olhos verdes. Os guardas pararam um instante, e Costantino disse com voz firme, quase alegre:

– Coragem! Coragem! – e teve força para sorrir a Giovanna.

– O advogado está à tua espera – disse a tia Bachisia, enquanto os guardas afastavam suavemente as duas mulheres.

– Minhas senhoras, vão-se embora, vão – disseram, arrastando o acusado. Ele sorriu uma vez mais a Giovanna,

mostrando os dentes branquíssimos entre os lábios molhados, mas pálidos, e afastou-se no meio das duas figuras que pareciam de granito.

A tia Bachisia segurou Giovanna, que queria seguir o marido; e levou-a a casa dos Porru para tomar o pequeno-almoço antes de ir para o tribunal. O sol inundava o pátio; por cima das videiras brilhantes, de onde pendiam grandes cachos de uvas que pareciam de mármore verde, as andorinhas piavam ao sol, e Efes Maria, montado no seu cavalo baio, estava pronto para ir para o campo. Que luz e que festa havia naquele pátio, cercado apenas por um pequeno muro de pedra, que deixava apreciar um vasto horizonte! As crianças comiam as suas sopas de café com leite, sentadas na soleira da porta da cozinha; Grazia tinha ido comer para um canto, talvez para não ser vista pelo tio estudante naquela operação tão prosaica, enquanto este, em mangas de camisa, de pé no meio do pátio, devorava a sua grande tigela de sopas. E a tia Porredda engraxava-lhe os sapatos, maravilhada com o que o filho lhe ia contando.

– Se São Pedro é grande? (É preciso explicar que Paolo tinha ido só naquele ano para Roma.) Sim, é grande como uma *tanca*⁹. Nem se consegue rezar. Como é que se reza num pasto? Os anjos são grandes como aquela porta, mesmo os anjos que sustêm a pia de água benta.

– Ah, então tem de se subir a uma escada para chegar à água?

– Não, porque acho que os anjos estão de joelhos. Dás-me um pouco mais de café com leite, mamã? Ainda há?

– Com certeza que há. Voltaste cheio de fome, Paolo; pareces um tubarão.

– Sabe quanto custa umas sopas destas em Roma? Uma lira, pelo menos. E o leite é aguado.

– Deus te abençoe! Isso é terrível!

– Ah, sabe? Vi golfinhos no mar. Como eram engra-

⁹ Na Sardenha, assim se chamam os terrenos limitados por uma cerca onde pastam os rebanhos. (N. da E. i.)